

GASLIGHT: UMA ANÁLISE ACERCA DO DISCURSO DA LOUCURA E DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA DOMÉSTICA

Thiago Alves Pereira¹

Resumo: O propósito do presente artigo é discutir, através do filme *Gaslight* (1944), produzido pelo cineasta norte-americano George Cukor, aspectos múltiplos que envolvem os processos de introjeção do discurso médico-psicológico da loucura, trazendo à tona a problemática do casamento enquanto um princípio legal para o exercício de uma forma de poder vertical que legitima práticas de violência psicológica no interior de um ambiente doméstico marital. Além disso, propõe-se uma sucinta discussão a respeito das bases sociais que criaram a “realidade” específica à qual o filme faz referência, ou seja, o contexto dos *film noir* produzidos nos Estados Unidos da América no período da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Gênero. Violência. Psicologia. Filmografia. *Gaslight*.

1. Introdução

Neste breve artigo, busca-se analisar o exercício de violências, psicológicas por excelência, que envolvem o contexto das práticas daquilo que se conjecturou denominar *Gaslight*, por se referir ao filme homônimo (1944) que originalmente gestou tal conceito. Pode-se definir, por este termo, uma prática de violência psicológica, não limitada apenas ao ambiente doméstico, mas característico dele, que visa ao exercício de um domínio completo por sobre a vida do/da parceiro/parceira, tanto de forma subjetiva quanto objetiva, em vistas à satisfação de um desejo egocêntrico por parte do algoz. Nesse sentido, será abordado o uso de “estratégias” que operacionalizam as explorações dentro de uma relação marital que sugere e exige uma estrutura de poder. Para desenvolver essa problemática, Pierre Bourdieu (2017), Michel Foucault (1975, 1987, 2002) e Helen Hanson (2007) são algumas referências teóricas mais recorrentes. A discussão, no entanto, ainda ensaia uma expansão no sentido de circular em torno da subjetividade e da mentalidade social da década de produção do filme, incluindo as preocupações e inseguranças no que concerne à atuação das denominadas “ciências Psi” (MARINA, 2004) na determinação da autonomia pessoal e social dos sujeitos na modernidade.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em História pela Universidade Regional do Cariri — URCA. É integrante do GEPHS (Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Subjetividade). Contato: <thiagoalves.ta61@gmail.com>.

2. Objetivo

A intenção do trabalho é, principalmente, tentar discutir o exercício do abuso psicológico que se relaciona ao *Gaslight*, termo de difícil conceituação. Por essa razão, o que se busca é identificar, na discussão mesma do filme, que práticas definidoras são essas que demarcam os limites e as aplicações desse tipo de violência assim apresentado. São questões a ser pensadas, ainda, pelo trabalho: a análise da possibilidade de que uma relação marital, como “acordo” legal, possa estabelecer o espaço e a estrutura de uma relação de poder específica que propicie abusos legitimados; a percepção das maneiras pelas quais essas violências se manifestam; a atuação de outros sujeitos, no ambiente doméstico, para a manutenção ou não da situação de exploração; a resistência e/ou aceitação da vítima e a sua relação com os abusos; as representações subjetivas da mentalidade que se permitem entrever por meio da apresentação das justificativas e opções discursivas da obra; a autopercepção e introjeção de conceitos binários do “sadio” e “doentio”, e, por fim, o diálogo estabelecido com a função das instituições de reparação (o sanatório, no caso) e com a sua determinação simbólica e factual.

3. Metodologia

Para desenvolver a escritura do trabalho, recorreu-se muito às considerações da chamada “História das Subjetividades” no sentido de se pensar a estruturação da mentalidade americana, embora limitada aos sujeitos a que a pesquisa se refere, no período da Segunda Guerra Mundial. Nesse processo, o filme foi analisado múltiplas vezes e buscou-se, inicialmente, a realização de anotações críticas com o propósito de perceber as diferentes camadas narrativas e os múltiplos interesses discursivos que se coadunam e conflitam na obra. Feitas as seleções e recortes necessários, a preocupação passou às considerações históricas já construídas sobre a condição da mentalidade naquele período e lugar. Para isso, foram levadas em grande conta as considerações da pesquisadora Helen Hanson (2007) e do professor Fernando Mascarello (2006) a respeito das formatações das produções artísticas, denominadas “góticas”, e ao contexto a que se referiam naquele período. Com a inclusão das ideias de Mônica Kornis (2008), o que se defende é o estabelecimento de pontes, como fez Hanson, entre as representações do filme e a organização social corrente das ideias de seus produtores e daqueles e daquelas que atuam sobre a criação de um filme. Com a intenção de avaliar essa questão a respeito do pensamento de sujeitos específicos em uma época e lugar delimitados, traz-se Michel Foucault (1975, 1987, 2002) com a sua teoria da multiplicidade dos poderes, tanto dentro do campo da política estatal, quanto na esfera social e pessoal.

4. Resultados

A partir da análise, foi possível constatar que o filme exhibe, em boa medida, as formas de representação cinematográficas comuns à época de sua produção, em que as obras “góticas” desenvolviam uma intensa discussão a respeito do conflito nos espaços e poderes causado devido à crescente presença feminina em ambientações e no cumprimento de funções sociais *a priori* pensados como masculinos, especialmente durante o período de guerra (HANSON, 2007; MASCARELLO, 2006). Além disso, há um discurso subjacente que, também importante, vem evidenciar a periculosidade das relações humanas, sumamente aquelas que se baseiam na mentalidade que sacraliza ou supervaloriza a função social do matrimônio, sendo justamente a contração desse voto um possível fator de exploração e de dominação, como veio a se confirmar na narrativa fílmica (BOURDIEU, 2017; HANSON, 2007). As preocupações com a questão da sanidade mental e o medo da internação no sanatório, problemáticas apresentadas pelo filme, também estão presentes nas análises foucaultianas (1987, 1975, 2002). Apesar de tudo isso, o que se percebeu, na coleta bibliográfica, é que existe uma forte carência de outros trabalhos analíticos ou de revisão, em especial em língua portuguesa, que se dediquem tanto a *Gaslight* (como obra cinematográfica) quanto às suas implicações práticas na realidade social. Por isso mesmo, e dada a riqueza narrativa da obra, evidencia-se a necessidade de que seja dada a atenção necessária ao estudo desse conceito, de suas limitações e problemáticas. Evidentemente, como consequência desse baixo número de análises alternativas, tornou-se penoso gerar uma maior discussão intertextual. Noutro sentido, seria necessário notar que essa temática precisaria ser melhor avaliada à luz da História dos Conceitos (KOSELLECK, 1992) para perceber as suas formas de sobrevivência e distintas manifestações e alterações de significação. Por fim, caberia ressaltar que *Gaslight*, como obra histórica, precisa ser vista com um “monumento” (LE GOFF, 1992), e é quintessencial notar que as suas narrativas estão relacionadas às angústias de seus produtores e às demandas de consumo do seu público direto — o qual também é histórico e representa uma camada burguesa que possuía acesso às escassas salas de cinema da década de quarenta do século passado. Nesse sentido, seria cabível, ainda, avaliar as condições de chegada da mensagem veiculada pelo filme em relação àquela parcela da população.

5. Conclusão

Através da realização de pesquisa, identifica-se que o casamento, de fato, dá espaço à possibilidade de execução da exploração violenta sob o pressuposto

da convivência legal. É perceptível que as estratégias de práticas do *Gaslight* envolvem o isolamento, a invalidação, o silenciamento e a desconsideração do sujeito vitimado. Nota-se, também, que a resistência da vítima é existente, e que, por vezes, é subversiva, mas o constante minar de sua autoconfiança e a sua intensa solidão afetam a percepção da realidade e as potencialidades de ação ativa. A recursividade às categorias de “sanidade” e “loucura” permite entrever a forte presença dessas ideias na mentalidade (ao menos na consciência daqueles que produziram a obra e daqueles que a consumiram, assumindo que há compreensão de tal realidade por parte da audiência). O sanatório, por sua vez, aparece como uma espacialidade que impõe medo e que se manifesta como um local de poder simbólico e objetivo, de fundo coercitivo e de forte teor imagético. Infere-se, desse modo, que a aproximação entre História e cinema oferece um vasto campo de possibilidades para a problematização e a análise das experiências subjetivas de homens e mulheres, mediadas pelas diferenças de gênero e práticas de reprodução da dominação masculina. Assim, a eficácia da dominação masculina se estende para muito além da violência doméstica, articulando-se a uma rede de saberes e poderes institucionais, como, por exemplo, o saber médico-psiquiátrico, o qual atua no disciplinamento e sujeição do “outro”.

6. Agradecimentos

Gostaria de manifestar a minha gratidão, antes de tudo, à professora Ms^a Josinete Lopes de Sousa, a qual me orientou durante a realização desta pesquisa e que, de forma integralizada, forneceu-me incomensuráveis contribuições teóricas, metodológicas e estéticas; bem como queria parabenizá-la por suas introspecções e sugestões sempre tão sensíveis e sagazes, em especial no que concerne à revisão deste texto. Desejo, ainda, prestar reconhecimento às riquíssimas discussões do GEPHS, por terem sido responsáveis diretas por parte substancial do aporte teórico deste trabalho e pelo fato de o grupo haver me cedido espaço, de modo tão receptivo, para discutir esta temática. Por fim, agradeço ainda às professoras Dr^a Iara Maria de Araújo e Dr^a Sônia Maria de Meneses Silva, devido às suas sugestões e contribuições teórico-metodológicas, as quais tanto enriquecem o meu conhecimento e processo de formação.

7. Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- _____. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GASLIGHT. Direção de George Cukor. Produção: Loew's Incorporated. USA: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, 1944. 1 DVD (114 min).

HANSON, Helen. **Hollywood Heroines: Women in Film Noir and the Female Gothic Film**. New York: I.B.Tauris & Co Ltd, 2007.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 462-476.

LEVY, Emanuel. Gaslight (1944): Cukor's Masterpiece, Starring Charles Boyer and Ingrid Bergman in Oscar-Winning Performance. **Emanuel Levy: cinema 24/7**, Los Angeles, 16 abr. 2006. Reviews. Disponível em: <<https://emanuellevy.com/review/gaslight-6/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MARINA, José Antonio. ¿Son las ciencias 'psi'? **El Cultural**, Madrid, 3 jun. 2004. Ciencia. Disponível em: <<https://elcultural.com/Son-ciencias-las-ciencias-psi>>. Acesso em: 23 set. 2019.

MASCARELLO, Fernando. Film Noir. In: _____. (Org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 177-188.